



Um grande tubarão branco

Gabriel Lopes Pontes

A elaboração deste conto só foi possível graças ao trabalho pioneiro de Mark Marks.

Comera um detrito tóxico e ficara assim.

Apesar dos pesares, ainda era e sempre seria um grande tubarão branco, condição da qual tinha plena consciência e da qual não deixava nunca de se orgulhar. Mesmo porque sabia que se não fosse sua terrível deformidade seria, ainda por cima, um grande tubarão branco excepcionalmente *grande*, embora não necessariamente excepcionalmente *branco*.

A maioria das pessoas que já ouviu falar deste incrível peixe, mas nunca viu um, ao vivo ou em efígie, costuma, aliás, ser conduzida a um ledor engano, inevitável diante do próprio nome da espécie e da maneira com que sua alegada, suposta brancura é enfatizada e alardeada por tantos que a ela se referem.

Quem ouve falar – apenas ouve falar – de grandes tubarões brancos, imagina logo que se tratam de animais gigantescos, verdadeiras monstruosidades aquáticas a abalroar transatlânticos mares afora, e constrangedoramente albinos.

Gigantescos, diga-se a verdade, é um adjetivo que lhes cai bem, descontados todos os exageros fantasiosos. Afinal, um animal que pode chegar a medir sete metros e meio e pesar quase quatro toneladas é mesmo difícil de definir de outra maneira. Mas, assim, como o famoso cachalote de Melville não era uma montanha nevada de carne a flutuar pelos oceanos, mas apenas um espécime raro, cuja testa era despigmentada, também os grandes tubarões brancos, por grandes que realmente sejam, só são brancos na parte inferior de seus corpos. É como se uma linha bem traçada os dividisse em duas metades horizontais, uma branca e outra cinzenta. Não foi de forma gratuita, todavia, por mero prazer de inventar, que a Natureza os dotou desta singular vestimenta bicolor, que em outras espécies soaria de gosto duvidoso. Fossem os representantes desta raça, além de reconhecidamente muito grandes, brancos na íntegra, e seriam facilmente perceptíveis por suas vítimas preferenciais, focas e leões marinhos. Estes pinípedes, que as crianças adoram ver em oceanários, costumam se manter na superfície do mar, e é aí, num momento de descuido, que o grande tubarão branco, que até então sorrateiramente espreitava metros abaixo, arremete na vertical como um bólido, em algumas regiões do sul da África do Sul chegando mesmo a sair



totalmente da água, o que lhes justifica o apelido de tubarões voadores¹. Ferido, rasgado, dilacerado pelas múltiplas fileiras de triangulares dentes serrilhados de seu algoz, o bicho se depaupera sangrando. O esqualo repete a operação com maquiavélico método, tantas vezes quantas forem necessárias para que a vida da presa se esvaia junto com o sangue e ele possa se banquetear tranquilamente, mesmo porque nenhum outro habitante das profundezas seria doido o bastante pra se meter com semelhante fera. Esta técnica de caça, tão original quanto eficaz, seria impossível se os tubarões fossem totalmente brancos, pois a cor os faria destacar-se berrantemente contra o fundo do mar, quer este seja coralíneo, arenoso ou rochoso, sobre o qual se esgueiram como fantasmas sombrios, comodamente camuflados por seu capote cinza, esperando o momento certo do bote.

Assim, quem vê, pela primeira vez, a imagem de um destes titãs, quer congelada em alguma fotografia que exigiu audácia de seu autor, normalmente audacioso o bastante apenas para se manter na relativa segurança de sua jaula de proteção, cujas barras às vezes aparecem desfocadas em primeiro plano, riscando em verticais difusas a silhueta fatídica a se recortar, imponente e assustadora, contra a imensidão do mar azul, ou em alguma imagem em movimento, capturada por algum cinegrafista subaquático não necessariamente sensato, logo compreende que, contrariando suas óbvias suposições iniciais, os grandes tubarões brancos podem ser grandes, mas de brancos não tem nada. Melhor dizendo, só tem a metade.

Este é, em linhas gerais e sem maiores pretensões científicas, o tal do *carcharodon carcharias*, maior exemplo de predador que habita presentemente o planeta Terra, ápice da evolução, há milhões de anos consagrado como único, máximo e perfeito na sua função de matar e comer, senhor absoluto dos mares desde muito antes que o inconveniente Homem sonhasse fazer sua aparição nesta esfera azul. Ou, no presente caso, *senhora* absoluta dos mares. Pois é de uma fêmea que estamos falando, torta de dar dó. Comera um detrito tóxico e ficara assim.

Não tivesse esse infeliz desjejum transformado sua coluna em serpentina, nem feito sua cabeça inchar e pipocar em imensos e abundantes bulbos acogumelados como os que fizeram a desdita do tristemente célebre Homem-Elefante; nem a dotado de uma guelra extra no flanco esquerdo e duas no direito, todas muito mais parecidas com vaginas humanas, em seu nada convidativo

¹ Afirmar com certeza que foi nestes tubarões específicos que certo talentoso compositor foi buscar inspiração para seu álbum de maior sucesso já seria, contudo e no mínimo, leviano.



aspecto pós-parto, do que com guelras propriamente ditas; nem aumentado em excesso sua barbatana dorsal e a enegrecido, dando, aos que a contemplavam rasgar a superfície, a impressão de que se tratava de uma orca, e de uma orca de avantajadas dimensões; nem encurtado as peitorais, fazendo da cabeçorra um peso difícil de sustentar, e dado à caudal o aspecto de uma hélice, até que ela poderia fazer bela figura.

Poderia, diante dos machos, deslizar languidamente pelas águas, com a malícia estudada de uma manequim esquelética a exhibir mínimas *lingeries* numa passarela, coquete e matreira, atizando-lhes a libido e levando-os a se estraçalharem à sua volta, como malandros do morro numa briga de navalha, na esperança de não só desfrutarem, com ela, um delirante gozo, como assegurarem, em alto nível, através dela e da união com ela, a transmissão dos genes e a perpetuação da espécie.

Como caçadora, começaria seus dias com rígido profissionalismo, destroçando carapaças de tartarugas imemoriais só pra manter afiada a dentuça; em seguida, lançando-se à perseguição de marlins oceânicos na esperança de encontrar um velocista a sua altura, e, por fim, se engalfinhando com serpenteantes crocodilos marinhos só pra se exercitar. Cumprida esta ginástica rotineira, se sentiria finalmente apta e aquecida para se atirar feito louca sobre plácidas manadas de peixes-boi, espalhando terror entre as fêmeas lactantes e seus parrudos bacuris; para decapitar obesas focas otárias, alheadas em seu banho de sol entre sargaços à flor d'água, antes que as ditas, justificando seu apelido, sequer percebessem que ela estava por perto; para chacinar todo um interminável cardume de tainhas com a mesma implacável frieza de um carrasco nazista que encaminha suas vítimas direto dos vagões de carga de onde recém desembarcaram para as câmaras de gás.

Sim, ela faria tudo isto, poderia fazer tudo isto, se tivesse tido mais cuidado em averiguar o conteúdo daquele tonel.

A atormentava – e muito! – a certeza absoluta de que esse seu glorioso destino, nitidamente pré-traçado desde que dera as primeiras barbatanadas pra fora do útero do mãe, depois de devorar sistematicamente todos os irmãos e irmãs que o compartilhavam com ela, jamais seria cumprido. Pior, tinha que administrar a mais radical reversão das expectativas a seu próprio respeito, transformada que fora de orgulho da raça em incomum aleijão, de ninfa convidativa em objeto de zombaria; de matadora implacável em pobre mendiga, a sobreviver à custa de sobras deixadas para trás por algum parente saciado, de alguma ocasional carniça flutuante ou de refugos atirados pelos barcos, em relação aos quais, muito



compreensivelmente, ela passou a ser mais criteriosa. Tão parca havia se tornado sua dieta que nem as rêmoras, esses xepeiros do mar, se aderiam mais a ela, não só por plena consciência de que nada ou quase nada vazaria daqueles maxilares deformados, como também por inegável e até mesmo mal disfarçado nojo do seu aspecto horroroso.

Muito, muito difícil era a sua situação. E estoicismo não era propriamente o termo para definir a maneira como a enfrentava. Não, ninguém jamais poderia dizer que ela carregava resignada sua sina infame. Sabia-se o trambolho de si mesma, não gostava nem um pouco disto e não tinha a hipocrisia de buscar subterfúgios racionais para conviver o melhor possível com sua nova e nada gratificante realidade. Ateia que era, não poderia encontrar consolo na fé, simplesmente porque não tinha nenhuma, e, mesmo que tivesse, seria quimérico especular se isto lhe bastaria. Revoltava-se contra a peça cruel que os fados lhe pregaram, contra seu corpanzil aberrado, penoso de carregar pela vastidão interminável do oceano, que antes fora seu jardim. Revoltava-se consigo mesma, odiava-se por ter sido tão estúpida em ir irresponsavelmente jogando goela abaixo um cilindro de metal azulado enferrujado, diferente de qualquer coisa que já vira antes. Em seu íntimo reconhecia, nesta sua ação, que dividira ao meio sua existência, uma imperdoável arrogância de quem, dotada pela natureza de indiscutível pujança, achava que podia fazer o que quisesse e comer o que quisesse, e até mesmo, em alguns raros momentos, chegava a se perguntar se não era justa essa sua punição.

Agora, era mergulhadora, mas um dia tinha sido médica.

Começara os mergulhos já quarentona. Dera o primeiro numa piscina de criança, pois nunca aprendera a nadar, só pra satisfazer uma menininha dentuça e míope, que vivia no mesmo prédio que ela e cujos pais eram sócios do mesmo clube, que lhe implorava que experimentasse a máscara cujo *design*, mimosamente, imitava um sapinho. Ela, que sempre tivera impecável e incontrolável pavor de submergir a cabeça, cedeu, embora não sem relutância, aos rogos da criança, e se metamorfoseou. Não só a sensação de ter o corpo todo recoberto, circundado, envolvido por água, que, por incrível que pareça, jamais experimentara, não lhe parecera tão aflitiva como sempre imaginara, como aqueles ladrilhos já meio cobertos de limo, aquelas perninhas cheias de roscas que se debatiam alegremente, e até mesmo uma sórdida camisinha usada, talvez denunciando um imperdoável ato de pedofilia, que contemplou, através da fina lâmina de vidro solidamente afixada a seu rosto por tiras de borracha, durante os curtos segundos que esteve, como nunca antes, submersa, tiveram sobre ela um efeito iniciático.



Sua mãe viúva ficou desesperada com a possibilidade de perder para as águas a única pessoa paciente o bastante para cotidianamente compartilhar de seu chá servido com britânica pontualidade e frugalidade monacal, aturar-lhe os queixumes de sempre e elogiar as torradas invariavelmente queimadas. Seus primos ricos e machistas, que desde a adolescência descontavam a frustração de nunca terem conseguido conquistá-la, taxando-a de excêntrica só porque gostava de tocar banjo e jogar futebol, riram à farta e apostaram entre si quanto tempo ela levaria para desistir da empreitada. Seu ex-marido, passado o primeiro choque, alegou que esse seu evidente desequilíbrio era a causa real do divórcio, que, na verdade, ela só pedira porque ele era bêbado e, talvez por isto mesmo, há muito tempo incapaz de ter uma ereção. Nada disto a fez desistir. Decidira-se a mergulhar seriamente e haveria de fazê-lo, achasse ruim quem quisesse achar. Aprendeu a nadar em prazo recorde e, quando ganhou a primeira medalha, achou que já poderia passar para o mergulho. Tomou as lições básicas num curso caro, ministrado na piscina de um cinco estrelas, por um estrangeiro famoso, dono de todos os *brevets* possíveis e imagináveis e que, segundo a lenda que ele próprio fazia questão de cultivar, teria salvado a vida de Jacques Cousteau, e não só uma vez. O equipamento de respiração autônoma, por leve e maleável que a tecnologia o fosse tornando a cada dia que passava, pareceu-lhe um autêntico estropício, uma armadura de algum personagem egresso de um romance de Sir Walter Scott, mas sem o mesmo *glamour*. Experimentou o *snorkeling*, mas ficar meramente vagueando à tona d'água, estendida de barriga pra baixo, contemplando as moreias passearem pelo tapete de ouriços abaixo de si, a fazia sentir-se tão patética como uma Ofélia suicidada entre nenúfares. Na única vez que tentou imergir, atrapalhou-se toda com a fácil expulsão da água de dentro do *snorkel* com um sopro, que qualquer neófito acerta *de prima*, engasgou-se e decidiu, embora sem saber ainda que alternativa buscar, que não, aquela tampouco era *a sua* modalidade de mergulho. Tamanho era o seu fascínio, contudo, não tanto pelo mar, mas pelo prazer inaudito de estar submersa e pelo milagre de conseguir enxergar dentro d'água, que continuou mergulhando, quer desagradavelmente apetrechada, soltando borbulhas a metros de profundidade, quer boiando de bruços como uma tonta, respirando por aquele maldito tubo curvo que, dada sua impressionante inabilidade em esvaziá-lo ao voltar à superfície, o mantinha presa a ela.

Tanto a irritava o *snorkel*, e tão desagradáveis eram as conseqüências de suas frustradas tentativas de usá-lo corretamente, que um dia atirou-o longe, num surto de cólera entremeado por engasgos. Fez, então, o que sua mente metódica e afeita às regras jamais tinha lhe permitido ver que era possível. Imergiu sem



snorkel, manteve-se submersa um bom tempo, voltou à superfície com o corpo esticado como um arpão, soltou o ar pela boca.

Encontrara-se pela segunda vez. Sabia o que queria: apnéia. Mas apnéia plena, desvinculada de qualquer equipamento que não o indispensável traje inteiriço de neoprene, incluindo capuz; a máscara, preferencialmente de duas lentes, que ela achava mais elegante; nadadeiras estreitas e longas, perfeitas para grandes descidas e a indefectível faca que o regulamento prega, mas que ela achava completamente inútil porque não seria de nenhuma utilidade contra nenhum predador, se algum predador resolvesse atacá-la, o que era estatisticamente improvável, para não dizer impossível, e ademais as correias que a prendiam na sua panturrilha cortavam-lhe a circulação.

Escolheu um equipamento todo em azul celeste, a cor predominante do uniforme do time por que torcia, que era também aquele em cuja divisão feminina jogava, exceto, como não podia deixar de ser, a lâmina da faca, cor de aço mesmo, e as duas lentes da máscara, transparentes. Produto importado, confeccionado com material novo, leve e resistente, que ela pagou com duas cirurgias de apendicite que fez num único plantão, com a perícia que a tornara respeitada no competitivo meio do hospital.

Contratou um pescador de quem se fizera amiga, ignorando as diferenças de classe e instrução, para levá-la em seu barco mar adentro, até onde houvesse profundidade bastante para ela descer reta, em ritmo constante, o ar retido em seus pulmões administrado com a consciência de quem conhece a anatomia humana na prática e na teoria.

Foi-se descobrindo hábil no seu prazeroso mister, que, intuitivamente foi dominando, até tornar-se mestra inconteste. Houvesse, todas as vezes em que ela desaparecia mar abaixo, além do prestimoso pescador, cuja ignorância não lhe permitia entender suas façanhas, alguém por perto para invejá-la, e a teria invejado.

Descuidou do hospital até que tiveram que despedi-la quando chegou esbaforida à mesa de cirurgia, com o cabelo solto pingando água salgada no abdômen aberto do paciente. Privada de sua maior fonte de renda, pediu de volta, constrangida, o consultório a um amigo a quem o emprestara para que ele pudesse se casar. Mas, a esta altura, passara a mergulhar todas as manhãs e tanto se empenhava em superar seus próprios recordes, que já não conseguia, de jeito nenhum, chegar a tempo nas consultas, assim como não chegava a tempo nos treinos, para grande alegria de sua eterna reserva que pode, assim, finalmente roubar-lhe a posição. Deu o cão, que ficou muito feliz em se livrar de seus



descuidos; libertou o canário, que quase já não se lembrava de alimentar; cometeu eutanásia com a gata cega e decrépita. Vendeu o banjo, mas não conseguiu muito por ele. Os primos machistas receberam com escárnio seu pedido de empréstimo. O ex-marido aproveitou o momento oportuno e conseguiu que seu advogado particular, à revelia dela, conduzisse com êxito uma solicitação de pensão alimentícia. A mãe enfartou quando a viu em seus umbrais de mala e cuia e foi fazer companhia ao pai nos prados do além. Registrou-se num hotel sem letreiro, a caminho do qual era cortejada por prostitutas e travestis, despiu-se frente ao espelho, quando desabotoou o *soutiens* seus seios despencaram. No maior deles, um caroço. Não precisou que ninguém lhe dissesse nada. Agora, era mergulhadora, mas um dia tinha sido médica.

Seus mergulhos se tornaram mais frequentes, mais profundos, mais longos, mais distantes da costa. Mas o amigo pescador, mesmo de coração partido, recusou-se a continuar satisfazendo sua compulsão, pois já não lhe restava tempo para abastecer a freguesia. Passou a entrar na água na praia mesmo, nadava quilômetros, averiguava as vantagens e desvantagens do ponto onde chegara depois de algumas horas; se fosse bom, submergia, retornava à tona, voltava a submergir. Nadava de volta à praia. Dormia na areia. O amigo pescador a alimentava todas as manhãs. E insistia com ela para que fosse à casa dele, se entendesse com sua mulher; comesse na mesa, de garfo e faca, como gente de bem; vestisse uma muda de roupa de sua filha mais velha, tomasse banho, ao menos. Procurou debalde algum parente vivo. O ex-marido mudara de cidade. Dos primos ela nunca lhe contara. De coração partido, o pobre homem logo reconheceu que seria preciso empregar de força para encaminhá-la às autoridades competentes, a fim de que recebesse o tratamento necessário. Resolveu tomar esta medida radical numa manhã de tempo chuvoso, que o obrigava a partir mais cedo que de costume para sua briga cotidiana com o mar. Cuidaria da amiga na volta. Cumpre primeiro alimentar os lúcidos.

Quando voltou de sua jornada, que, aliás, só serviu para gastar seu combustível, pois parecia que todos os peixes tinham criado asas e migrado para a Lua, o calejado marítimo não a encontrou. Esperou por ela até que o crepúsculo se fez ventania, a ventania evoluiu para vendaval e o vendaval culminou numa tempestade de vigor incomum. Nem assim arredou pé da praia. Permaneceu em sua vigília solitária sem outra proteção que seu velho oleado. A tempestade amainou, seguiu-se a inevitável bonança, sem que isto o surpreendesse em absoluto, mas não houve nem sinal dela. Avisou a guarda costeira, ninguém o levou



a sério. Percorreu hospitais, manicômios e necrotérios por puro desencargo de consciência. Se permitiu chorar um pouco.

Ela estava à milhas de qualquer civilização, a bem dizer à milhas de qualquer coisa sólida. Cansou do elástico macacão inteiro e o despiu. Ficou observando-o desaparecer nas ondas translúcidas, aberto como uma vela ao vento, e achou que teriam este aspecto as vestes do anjo em que o Holandês Voador atirou. Seus seios, assim que libertados da emborrachada prisão, apontaram para baixo, mas logo flutuaram abandonados, um para cada lado. Seus pelos pubianos e axilares, muito crescidos desde que ela descuidara da depilação, foram emaranhando-se com as algas em que ela ia esbarrando e que esbarravam com ela, de forma que uma curiosa floresta foi acumulando-se em seu ventre e sob seus braços. Seus cabelos, há muito não cortados, esparramaram-se como melenas de uma sereia e também foram aglutinando a flora aquática, a ponto do conjunto parecer um longo véu de noiva. Conservou as nadadeiras porque as reconhecia indispensáveis e nada no mundo a faria separar-se de sua amada máscara, mesmo porque, sem ela não enxergaria debaixo d'água e metade da magia do ato de mergulhar estaria irremediavelmente perdida. Mas o júbilo que sentiu ao desvencilhar-se da inútil faca e suas incômodas correias só não pode ser definido como indisfarçável porque não havia ninguém por perto de quem ela disfarçar o que quer que sentisse. Ciente de seu isolamento, urinou impudica e abundantemente e neste urinar encontrou prazer.

Quando se abandonava ao sabor das ondas, braços abertos em cruz, pernas unidas, nadadeiras funcionando como leme, as costas voltadas para o céu, vasculhando, através das lentes duplas de sua máscara, a vastidão aquática abaixo de si, sua cabeleira, estendida ao longo de seu corpo nu, ajudava a protegê-la do sol inclemente. Não tardou, porém, para que sua pele avermelhasse, em seguida se formassem protuberâncias que acabaram por rachar e ficasse difícil distinguir pústulas de tumores.

Logo aprendeu a beber água da chuva, recolhida como uma dádiva em sua máscara emborcada para cima. Se alimentava de incautas caravelas que flutuavam perto o bastante de sua boca, do tipo que sua experiência lhe ensinara que eram comestíveis. Seus dentes conseguiram penetrar com facilidade na carne putrefata de um filhote de golfinho morto, mas festins assim se revelaram raros. Durante dias, se permitiu boiar incólume, face voltada para o firmamento, pois uma persistente e sólida formação de nuvens, que, todavia, nunca chegaram a se transformar em chuva, a protegeu dos danosos raios solares. Infelizmente, o tempo que este toldo natural durou, ao fim e ao cabo, foi curto demais.



**

O olhar das duas se encontrou de forma quase casual.

Contemplaram-se um minuto, não exatamente surpreendidas por quase terem se chocado num oceano onde bem havia espaço para qualquer um se movimentar sem incomodar os outros. Tampouco estupefatas pelo aspecto escabroso que cada uma tinha. E nem um pouco preocupadas pelo fato de pertencerem a duas espécies tão diferentes e ancestralmente inimigas.

Nadaram juntas.

Quando os dias se tornavam noites, aquela que nem lembrava mais o próprio nome, conseguindo conservar a cabeça convenientemente fora d'água, dormia embalada pelo eterno vaivém das ondas, confortavelmente aconchegada sob a barbatana peitoral de sua nova amiga, como um filhote de passarinho sob a asa da mãe. Desenvolveram, juntas, um método de pesca que consistia numa funcionar de isca, atraindo os peixes com sua cabeleira emaranhada de anêmonas para perto das mandíbulas da outra, apesar de tudo ainda mortíferas. Assim, as duas, que jamais teriam condição de se nutrir satisfatoriamente sozinhas, ganharam corpo. Renovadas em sua felicidade quase conjugal, gastavam as energias recentemente adquiridas em corridas sem ponto de partida nem de chegada. Vendo-as assim saltitando, inocentes e alegres, sobre as ondas, qualquer navegante desavisado seria capaz de jurar que flagrara o cortejo de Poseidon em suas estripulias. Seguiram assim, dias a fio. O olhar das duas se encontrou de forma quase casual.

Examinaram-se longamente, vendo, além do que até então tinham achado tão belo, a feiura que de fato havia. Concentraram-se em cada detalhe aberrado, em cada estigma irreversível, em cada coisa cruelmente fora do lugar. Viram os dias vividos em vão desde que a tragédia se abatera sobre cada uma delas, e também os dias vividos em vão antes disto; reconheceram e amargaram o tédio desses dias iguais, tão iguais quanto uma onda atrás da outra, quanto um mergulho atrás do outro. Compreenderam que exerciam, no mundo, o papel de gota d'água no oceano e de grão de areia no deserto, compreensão que as levou à consciência da solidão irremediável. Perceberam que, por mais que tivessem tentado se enganar, acreditando nisto, o ostracismo a que tinham sido condenadas nada tinha a ver com suas mazelas. Souberam-se em plena decadência, condenadas, perdidas. Irremediavelmente perdidas. Abaixo delas, o mar desfazia-se na obscuridade.

Desceram num mergulho paralelo, narizes apontados para baixo, em inquebrantável decisão. Após o primeiro impulso, aceleraram o ritmo da descida na medida em que suas quase esgotadas forças e seus corpos para sempre deformados permitiam.



À sua volta, o azul foi sutil, quase imperceptivelmente, cambiando de tom. De quase transparente tornou-se um azul celeste mais encorpado, logo transformado num azul cerúleo bem digno de sua condição de azul marinho; em azul marinho explicito converteu-se logo em seguida, para, rápido, fechar-se na densidade enigmática do azul ultramarino; daí passou para o granítico azul da Prússia, que se fez negro, e abaixo já não havia mais nada.